

The background of the book cover is a complex geometric pattern. It features a grid of small squares in light blue and white. Overlaid on this grid are large, overlapping triangles and hexagons in various shades of green, from light lime to dark forest green. A prominent white rectangular box with a double black border is centered on the page. Inside this box, the text 'Livro de poemas' is written in a simple, black, sans-serif font.

Livro de poemas

Soneto de Fidelidade (1946), de Vinicius de Moraes.

De tudo, ao meu amor serei atento Antes, e com tal
zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior
encanto Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento E em louvor hei
de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu
pranto Ao seu pesar ou seu contentamento. E assim,
quando mais tarde me procure Quem sabe a morte,
angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de
quem ama Eu possa me dizer do amor (que tive): Que
não seja imortal, posto que é chama Mas que seja
infinito enquanto dure

Poema No Meio do Caminho (1928), de Carlos Drummond de Andrade.

No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra no meio do
caminho tinha uma pedra. Nunca me esquecerei
desse acontecimento na vida de minhas retinas tão
fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do
caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do
caminho no meio do caminho tinha uma pedra

Vou-me embora pra Pasárgada (1930), de Manuel
Bandeira.

Vou-me embora pra Pasárgada Lá sou amigo do rei Lá
tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada Vou-me embora pra
Pasárgada Aqui eu não sou feliz Lá a existência é uma
aventura De tal modo inconstante Que Joana a
Louca de Espanha Rainha e falsa demente Vem a ser
contraparente Da nora que nunca tive E como farei
ginástica Andarei de bicicleta Montarei em burro
brabo Subirei no pau-de-sebo Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado Deito na beira do rio Mando
chamar a mãe - d'água. Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada Em Pasárgada tem
tudo É outra civilização Tem um processo seguro De
impedir a concepção Tem telefone automático Tem
alcalóide à vontade Tem prostitutas bonitas Para a
gente namorar E quando eu estiver mais triste Mas
triste de não ter jeito Quando de noite me der Vontade
de me matar - Lá sou amigo do rei.

Poema sujo (1976), de Ferreira Gullar.

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em
São Luís do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz
de febre entre irmãos e pais dentro de um enigma?
mas que importa um nome debaixo deste teto de
telhas encardidas vigas à mostra entre cadeiras e
mesa entre uma cristaleira e um armário diante de
garfos e facas e pratos de louças que se quebraram já
um prato de louça ordinária não dura tanto e as facas
se perdem e os garfos se perdem pela vida caem pelas
falhas do assoalho e vão conviver com ratos e baratas
ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de
erva-cidreira

Saber viver (1965), de Cora Coralina.

Não sei... se a vida é curta ou longa demais para nós. Mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo: é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira e pura... enquanto durar

Retrato (1939), de Cecília Meireles.

Eu não tinha este rosto de hoje, Assim calmo, assim triste, assim magro, Nem estes olhos tão vazios, Nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, Tão paradas e frias e mortas; Eu não tinha este coração Que nem se mostra. Eu não dei por esta mudança, Tão simples, tão certa, tão fácil: — Em que espelho ficou perdida a minha face?

Dona doida (1991), de Adélia Prado.

Uma vez, quando eu era menina, choveu grosso com trovoadas e clarões, exatamente como chove agora. Quando se pôde abrir as janelas, as poças tremiam com os últimos pingos. Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema, decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos. Fui buscar os chuchus e estou voltando agora, trinta anos depois. Não encontrei minha mãe. A mulher que me abriu a porta riu de dona tão velha, com sombrinha infantil e coxas à mostra. Meus filhos me repudiaram envergonhados, meu marido ficou triste até a morte, eu fiquei doida no encalço. Só melhora quando chove.

Incenso fosse música (1987), de Paulo Leminski.

isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é
ainda vai nos levar além

Os três mal-amados (1943), de João Cabral de Melo Neto.

O amor comeu meu nome, minha identidade, meu retrato. O amor comeu minha certidão de idade, minha genealogia, meu endereço. O amor comeu meus cartões de visita. O amor veio e comeu todos os papéis onde eu escrevera meu nome. O amor comeu minhas roupas, meus lenços, minhas camisas. O amor comeu metros e metros de gravatas. O amor comeu a medida de meus ternos, o número de meus sapatos, o tamanho de meus chapéus. O amor comeu minha altura, meu peso, a cor de meus olhos e de meus cabelos. O amor comeu meus remédios, minhas receitas médicas, minhas dietas. Comeu minhas aspirinas, minhas ondas-curtas, meus raios-X. Comeu meus testes mentais, meus exames de urina.